



Dupla Parker Posey e Jeff Goldblum são os protagonistas neste Hartley bem sucedido

## Filme da semana

### Fay Grim

★★★★★

De Hal Hartley

EUA/Alemanha, 118 min, ver listas

Um Nobel da literatura na prisão, um editor à procura de um livro, agentes da CIA e seus comparsas franceses e israelitas e independentes, militantes radicais islâmicos, um prisioneiro renitente com o seu destino. À parte uma mão a solo, que começa como pobre coitada e se retira de cena como Mata Hari no seu esplendor, é uma combinação de personagens conspirativas que se pode encontrar nos romances de John LeCarré ou Don DeLillo ou Thomas Pynchon, mas dificilmente se imagina em filme de Hal Hartley. E no entanto 'Henry Fool' já estava cheio de 'Fay Grim'.

Quando 'Henry Fool' terminava, em 1997, deixava no ar a sua frase-mantra: "Um homem honesto está sempre em apuros." Na altura era uma boa frase, uma daquelas reuniões de palavras que se consomem facilmente em significados e intenções.

Dez anos depois e um 11 de Setembro de permeal, o cepticismo de Hartley deu a essa singela frase a dimensão de um manual de semiologia, e quando o realizador procurou no passado um alicerce para a sua declaração sobre o estado do mundo, encontrou

no maltrapilho snobe e iluminado, que constrangia na sua teia quem ousava aproximar-se, o móbil de uma acção vertiginosa. Talvez porque então era um momento de conversa e agora estamos em hora de acção, a protagonista é Fay Grim (Parker Posey), ex-mulher-suposta-viúva, cabeça de uma girândola de personagens desesperadamente lutando pela sobrevivência.

O argumento é denso e artificioso como um palimpsesto que esconde a sua mensagem. Construído a partir da visão oblíqua e distanciada que é o ponto de observação de Hal Hartley, o texto está recheado de possibilidades de leitura e de interpretação.

Por outro lado, este ambiente claustrofóbico e a economia de meios cinematográficos que o realizador tornou estilo dão pouco espaço aos actores (até Jeff Goldblum parece intimidado pela quantidade de palavras distribuídas ao seu agente da CIA).

Mas, ainda assim, não impedem Fay Grim de começar em ritmo de carrossel e prosseguir como um vórtice, sem transição nem pausa, encadeando os factos das suas personagens no intrincado jogo de dissimulação, incapaz de encontrar um final feliz.

Rui Monteiro